

Leonardo Cabral Cavalcante
Sociedade Paraibana de Pediatria | SPP
Presidente

Constantino Giovanni Braga Cartaxo
Comissão Científica | SPP
Coordenador

Maria do Socorro Ferreira Martins
Comitê de Imunizações | SPP
Presidente

Autora:
Maria do Socorro Ferreira Martins

Comissão Científica: *Bruno Leandro de Souza, Emmanuelle Lira Cariry, Eugênia Moreira Fernandes Montenegro, Evaldo Gomes de Sena, Flávio Augusto Lyra Tavares Melo, Gilvan da Cruz Barbosa Araújo, Júlio Cavalcanti de Oliveira, Rita de Cássia Viegas Lins Soares, Vandezita Dantas de Medeiros Mazzaro, Werton de Medeiros Roque Filho*

VACINAÇÃO EM DIA, MESMO NA PANDEMIA

O fenômeno das baixas coberturas vacinais é observado em todo o mundo e coloca em risco o controle e a erradicação de doenças imunopreveníveis já alcançados no planeta.

A OPAS, OMS e a UNICEF alertam que 117 milhões de crianças em 37 países podem ficar sem imunização contra o Sarampo por causa da COVID-19. São mais de 13 milhões de crianças que não receberam nenhuma vacina mesmo antes da pandemia interromper a imunização global e cerca de 25 países suspenderam campanhas de imunização contra o Sarampo e as interrupções de serviços de imunização farão com que milhões de crianças corram o risco de perderem vacinas vitais contra Sarampo, Coqueluche, Poliomielite, Difteria, entre tantas outras.

Um assunto de grande relevância para a sociedade nesse momento atual, “*vacinação em dia, mesmo na pandemia*”, foi o tema escolhido para a campanha de comunicação realizada pela Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm), em parceria com a UNICEF e a Sociedade

Brasileira de Pediatria (SBP), com o objetivo de conscientizar especialistas e o público em geral sobre a importância de não postergar a vacinação por causa do COVID-19 (novo coronavírus) e, ao mesmo tempo, tentando resgatar as doses em atraso, atualizando o calendário de vacinação e revertendo esse cenário de queda nas coberturas vacinais em nosso país.

Essas entidades, preocupadas com a situação das baixas coberturas vacinais, tiveram com essa iniciativa o destaque da criação de uma cartilha digital chamada “*Pandemia da COVID-19*”, que traz mudanças na rotina das imunizações, orientando os profissionais da saúde e a população sobre a manutenção das atividades de vacinação de forma efetiva e segura, controlando os riscos de contágio do coronavírus.

Mesmo preocupados com a COVID-19, os brasileiros não devem esquecer das vacinas disponibilizadas gratuitamente pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI), através do Sistema

Único de Saúde (SUS) contra 19 doenças imunopreveníveis, nos mais de 37 mil postos de vacinação espalhados pelo nosso território e precisam entender que a vacinação representa um serviço de saúde essencial para a população, e utilizada como uma das ações que comprovadamente apresentam melhor relação custo-benefício para a prevenção de doenças, devendo ser fortalecido mesmo em situações especiais, como a atual pandemia, pois dependemos de altas coberturas vacinais homogêneas, em torno de 95% ou mais, para erradicar ou controlar as doenças imunopreveníveis e para que não haja o ressurgimento delas, o que poderia levar à perda da proteção coletiva dos indivíduos.

O Brasil vivencia uma queda muito importante nas taxas de cobertura vacinal, mesmo antes da Pandemia e, conforme dados demonstrados pelo Ministério da Saúde, o Sarampo continua circulando em 21 Estados, com mais de 7.000 casos confirmados até o momento no ano de 2020, com 5 óbitos; a Febre Amarela, com 881 casos suspeitos e se deslocando em direção à região sul do país; a Coqueluche tem nos surpreendido desde 2014.

No mundo, foram registrados mais de 600 casos de Poliomielite nos últimos 12 meses, predominando a doença pelo vírus vacinal. Essa doença está erradicada no Brasil há vários anos, mas se não mantivermos uma cobertura vacinal satisfatória ela pode reaparecer em nosso meio em forma de surto, principalmente pelo vírus vacinal. Todas essas doenças continuam avançando no país em plena pandemia do COVID-19.

O nosso PNI é reconhecido como um dos maiores e mais bem sucedidos programas de imunização do mundo, tanto pelo seu robusto portfólio de vacinas,

como por suas altas coberturas vacinais. A cada ano, secretarias de saúde costumam atualizar até o final de abril o banco de dados da vacinação do ano anterior. Neste ano, com a pandemia, o prazo máximo foi adiado para 31 de julho.

Os primeiros sinais de uma queda na vacinação começaram a ser registrados em 2015, acentuaram-se em 2017 e agravaram-se principalmente em 2019, onde nenhuma vacina contemplada no calendário da criança alcançou 95% da meta desejada. Em 2020, a cobertura vacinal no Brasil está em torno de 40-50% para todas as vacinas para essa faixa etária. A dTpa da gestante está em torno de 10% e também traz um impacto muito negativo para a saúde dos bebês. Ainda não há uma explicação exata sobre a causa desse fenômeno, no entanto, observamos fatores que sabidamente refletem nesses números, como:

- 1) Falsa sensação de segurança com a perda da real da percepção dos riscos das doenças imunopreveníveis, já que muitas deixaram de acontecer;
- 2) Mudança no mercado de trabalho, em que as famílias, principalmente as mulheres, não conseguem conciliar seus horários de trabalho com os oferecidos pelos serviços de vacinação;
- 3) O próprio sucesso do Programa Nacional de Imunizações em que oferece um robusto portfólio de vacinas com necessidades de mais idas aos postos;
- 4) Desabastecimento interno de algumas vacinas como a BCG e a Pentavalente, decorrente da logística comercial no mercado internacional;

- 5) Problemas na organização da rede, pois somos um país continental;
- 6) Desconhecimento da importância das vacinas e dos riscos que as doenças imunopreveníveis representam para nossa saúde, por parte principalmente da população mais jovem e a influência das falsas notícias veiculadas especialmente nas redes sociais sobre os malefícios que as vacinas podem provocar à saúde;
- 7) O antivacinação, apesar de fraco no Brasil, impacta negativamente através de suas "fake news" nas coberturas principalmente da HPV e rotavírus. A "hesitação em vacinar" foi incluída recentemente pela OMS entre as 10 maiores ameaças à saúde mundial. É observada uma crescente tendência, mesmo com os benefícios globais da imunização e está diretamente relacionada com a confiança nas vacinas, eficácia/segurança e preocupações com possíveis eventos adversos;
- 8) Em 2020, essa situação de queda nas coberturas vacinais foi acentuada pois o temor pelo coronavírus levou as famílias evitarem os serviços de vacinação.

- Uso de qualquer tipo de antimicrobiano;
- Reação local em doses anteriores;
- História ou diagnóstico clínico pregresso da doença contra a qual se pretende vacinar;
- Desnutrição;
- Doença neurológica estável;
- Administração simultânea de múltiplas vacinas;
- Alergias;
- Gravidez;
- Prematuridade;
- Aleitamento materno;
- Internação hospitalar;
- Desconhecimento dos intervalos das vacinas;
- Tratamento com corticosteróides em doses não imunossupressoras;

A desinformação por parte dos profissionais de saúde adotando falsas contraindicações que contribuem com oportunidades perdidas e com baixas coberturas vacinais, é uma realidade que não podemos ignorar diante de situações como:

- Crianças com doenças agudas leves e febre baixa;

Dentro de um plano ações que a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) se coloca à disposição para aumentar a cobertura vacinal do país, faz-se, nesse momento, imprescindível a capacitação de Pediatras, através do Departamento de Imunizações.

É importante que os pais entendam que muitas dessas outras doenças como o Sarampo, Febre Amarela, Coqueluche, Varicela, Poliomielite, Pneumonia, Difteria, Meningite, entre outras, são mais perigosas para criança e oferecem mais riscos e consequências para elas a curto, médio e longo prazo, do que a COVID-19.

Vejamos, por exemplo, o que ocorreu na República Democrática do Congo, que, ao abandonar a vacinação de rotina durante a mais recente epidemia do Ebola, acabou tendo mais morte pelo Sarampo.

Estudo publicado no periódico "*The Lancet Global Health*" constatou que para cada óbito de uma criança na África, ocorreram 84 por doenças prevenidas com a imunização de rotina.

Atualmente, algumas estratégias foram implementadas para uma maior segurança, especialmente para as crianças, de acordo com a cartilha digital "Pandemia da COVID-19", tais como:

- a) Planejar a visita ao posto de vacinação, se possível com agendamento prévio através de ligação telefônica, buscando horários menos concorridos e sempre priorizando a unidade mais próxima de sua casa;
- b) Usar máscaras, exceto em crianças abaixo de 2 anos, tomar cuidados com a higiene e manter distanciamento de, no mínimo, dois metros entre as pessoas e evitar tocar nas superfícies;
- c) Aproveitando a ida ao serviço de vacinação, o calendário vacinal deve ser otimizado com o maior número de aplicações, respeitando o intervalo mínimo entre as vacinas, podendo ser recomendados esquemas acelerados;
- d) Casos suspeitos ou confirmados de COVID-19, poderão ser vacinados após 10 dias do início dos sintomas e do seu isolamento, desde que tenham se passado, no mínimo, 24 horas da resolução da febre, sem uso de

antitérmicos e remissão dos sintomas respiratórios, para não colocar em risco a vida das outras pessoas;

- e) Identificar quais vacinas e doses que faltam para completar seu esquema vacinal;
- f) Ao chegar em casa, deixe o calçado de fora, higienize as mãos antes de retirar a máscara e a roupa, colocando-as para lavar e tome banho;
- g) Sensibilizar os gestores com essa situação a fim de que possam oferecer maior flexibilização de horários e dias de atendimento para a população.

Por fim, precisamos encorajar os pais e/ou responsáveis pelas crianças a atualizarem seu cartão vacinal de rotina, condição essa que deveria ser *sine qua non* pelas instituições de ensino para o retorno das aulas presenciais e ao seu convívio social de rotina, haja visto que estarão expostas às doenças que continuam circulando por toda a comunidade e suas consequências podem ser mais graves do que a causada pela COVID-19, além de conscientizar que, cumprindo todas essas recomendações orientadas pela UNICEF e entidades científicas, divulgadas na cartilha digital, estarão realizando uma vacinação segura.

Autora: Maria do Socorro Ferreira Martins. CRM-PB 3588. RQE 3767. Médica Pediatra do Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC); Professora de Pediatria da UNIFACISA; Presidente do Comitê de Imunizações da Sociedade Paraibana de Pediatria; Membro do Departamento Científico de Imunizações da Sociedade Brasileira de Pediatria.